



MEDIEVALISTA

N.º 39 | Janeiro – Junho 2026

ISSN 1646-740X

**Sagrado Profano: Imagens eróticas em manuscritos
medievais de cariz religioso**

**Sacred Profane: Erotic images in medieval manuscripts of
religious nature**

Ana Beatriz Fernandes Mestre

Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos Medievais
1070-312 Lisboa, Portugal

a2024102739@campus.fcsh.unl.pt
<https://orcid.org/0009-0000-1113-0466>

Data recepção do artigo / Received for publication: 25 de Setembro de 2025

DOI: <https://doi.org/10.34619/q3xv-tuko>



Ao longo da Idade Média, na Europa Ocidental, foram produzidos em ateliers laicos diversos manuscritos de carácter religioso, nomeadamente saltérios e livros de horas, concebidos para a devoção pessoal dos leigos. Estes volumes, em virtude da sua natureza e conteúdo, integravam passagens bíblicas, salmos e orações, sendo frequentemente enriquecidos com iluminuras, cuja qualidade e exuberância variava, em grande medida, do gosto individual e da capacidade económica dos respetivos encomendantes¹.

Contudo, uma observação atenta destes manuscritos revela a presença de imagens que, segundo as noções modernas acerca do que seria expectável encontrar num livro desta natureza, parecem destoar e/ou chocar: representações de carácter erótico, mais ou menos explícitas ou simbólicas, surgem tanto nas margens como em fólios inteiros. Estas manifestações visuais, integradas em manuscritos religiosos, contrastam com a ideia de uma Idade Média rigidamente controlada, no plano da vida privada e sexual, pela Igreja Católica.

Com esta dissertação, pretendeu-se estudar o conceito de erotismo durante a Idade Média, a forma como se manifestava e a sua influência nas artes visuais, nomeadamente nos códices mencionados, destinados à devoção pessoal e privada. A investigação concentrou-se nas iluminuras de carácter erótico presentes em alguns destes manuscritos, procurando compreender o raciocínio subjacente à sua presença e concepção, bem como os motivos pelos quais imagens tão profanas surgiam nestes livros. Procurou-se, em particular, responder à questão de saber se estas iluminuras foram propositadamente executadas, a pedido ou com autorização dos encomendantes, ou se resultaram de iniciativas criativas dos próprios iluminadores².

1 A presente notícia tem como base a dissertação homónima realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientada pelo Prof. Dr. Luís Urbano de Oliveira Afonso e co-orientado pela Prof.^a Dr.^a Maria Angélica de Sousa O. Varandas, e defendida a 10 de novembro de 2023. A dissertação completa encontra-se disponível no Repositório Online da Universidade de Lisboa através do seguinte endereço: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/61466>.

² CAMILLE, Michael – *Image on the Edge: The Margins of Medieval Art*. Londres: Reaktion Books Limited, 1992, p. 10.

1. Metodologia

Para esse efeito, foram estudadas iluminuras de carácter erótico presentes em manuscritos de cariz religioso, nomeadamente três saltérios e dois livros de horas, provenientes das atuais regiões de França, Bélgica e Inglaterra e produzidos entre 1310 e 1340. A seleção destes códices baseou-se na sua representatividade do fenómeno estudado e na disponibilidade de documentação que permite analisar tanto o conteúdo iconográfico como o contexto de produção. O estudo apoiou-se em referências bibliográficas sobre erotismo medieval, abordando, em particular, a forma como estas representações visuais poderiam ter sido interpretadas na época, quer por homens ou mulheres, leigos ou clérigos, assim como o enquadramento histórico e os contextos específicos de produção de cada manuscrito.

2. Conceito de Erotismo na Idade Média

Falar de erotismo em contexto medieval é, até certo ponto, anacrónico; contudo, as noções de prazer sexual e de sexualidade implícitas no conceito de erotismo permitem compreender melhor as iluminuras em estudo, fornecendo um enquadramento interpretativo útil para a análise destas imagens. Este pensamento filosófico foi transmitido e comentado por vários pensadores cristãos, nomeadamente Boécio (480-524/525) e Santo Agostinho³ (354-430), existindo também opiniões divergentes como as de São Tomás Aquino (1225-1274), que declara que o prazer sexual em si não é pecaminoso⁴, e o pensamento de Plotino (205-270) que encara o erotismo como a tentativa de elevação espiritual do ser humano em busca de união com o “Uno”⁵, que foi posteriormente interpretado por comentadores cristãos como correspondendo ao Deus cristão.

Seguindo este pensamento, o erotismo transforma-se numa força impulsionadora nas práticas de meditação religiosa, sendo que as imagens presentes nestes contextos clericais talvez não fossem interpretadas como um fim em si mesmas, mas eram encaradas como um ponto de partida e um meio para atingir uma interpretação mais elevada e espiritual.

³ DE LA CROIX, Arnaud – *O Erotismo na Idade Média: o corpo, o desejo, o amor*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 2004, p.18.

⁴ AQUINO, São Tomás – *Summa Theologica*. Londres: Catholic Way Publishing, 2014, pp. 987-988.

⁵ NUSSBAUM, Martha – “The Speech of Alcibiades”. In SOLOMON, Robert C.; HIGGINS, Kathleen M. – *The Philosophy of (Erotic) Love*. Kansas: University of Kansas Press, 1991, p. 302.

Esta espiritualidade, apesar de mais intensamente praticada por monges e monjas enclausuradas, era também efetuada pelos grupos mais abastados da sociedade. Através dos seus livros de horas e saltérios ricamente decorados, fidalgos e burgueses desejosos de uma relação direta e íntima com Deus como a dos membros do clero podiam partilhar desse privilégio de um modo particularmente personalizado⁶.

3. Iconografia Erótica

Estas imagens surgem normalmente em livros de devoção ou de orações, como os saltérios e os livros de horas, tipologias de manuscritos que se tornaram cada vez mais importantes com o crescimento das práticas religiosas privadas, mediada pela humanização do divino e pela compreensão da experiência divina através da experiência humana.

O amor, tal como a experiência religiosa, é um percurso cheio de perigos e sofrimento com o objetivo de chegar à pessoa amada⁷, daí que o amor neste contexto específico não seja representado tanto como algo prazeroso, mas como uma série de peripécias e obstáculos que o amante devia ultrapassar.

A iconografia erótica e os seus significados não eram uniformes, podendo possuir vários sentidos dependendo do observador ou mecenas/encomendante, do seu contexto, idade, posição social e género⁸.

Face à quantidade de iluminuras de carácter erótico presentes em manuscritos religiosos, é possível teorizar que a sua representação, explícita ou simbólica, tinha como propósito provocar no observador um confronto entre o cumprimento das normas morais e o desejo carnal — um esforço espiritual contínuo, uma árdua batalha dirigida sobretudo a clérigos, membros de ordens monásticas e a leigos devotos. Outra hipótese é a de estas iluminuras serem encaradas como lições morais para exortar o leitor a evitar cometer pecados carnis de modo a evitar a morte física e espiritual e o castigo eterno⁹.

⁶ WIECK, Roger S. – *Time Sanctified: The Book of Hours in Medieval Art and Life*. Nova Iorque/Baltimore: George Braziller, Inc. in association with The Walters Art Museum, 2001, p. 27.

⁷ CAMILLE, Michael – *The Medieval Art of Love*. Londres: Laurence King Publishing, 1998. p. 21.

⁸ MATTHEWS-GRIECO, Sara F. – *Erotic Cultures of Renaissance Italy*. Nova Iorque: Ashgate Publishing, 2010, p. 5.

⁹ BATAILLE, Georges – *Erotism: Death and Sensuality*. São Francisco: First City Lights Books, 1986, pp. 106-107.

Outra ideia que se crê ser pertinente apresentar é a proposta de que estas iluminuras, através da representação de imagens “fora do comum” e de temáticas que não se esperaria encontrar num manuscrito religioso, serviriam como guias ou notas visuais auxiliares à memorização do conteúdo das páginas onde se encontravam representadas, pois as imagens mais invulgares eram as mais memoráveis¹⁰. Também há que ter em conta que as iluminuras marginais adicionam material teórico à compreensão do texto, através de *exempla*, fazendo paródias ou problematizando o seu conteúdo sem nunca a ele se sobreporem¹¹.



Figura 1 – Oxford, Bodleian Library, MS Douce 6, *Saltério*, c. 1320–1330, pergaminho, fol. 83v. © Bodleian Library

4. Análise de Iluminuras

4.1. MS. Douce 6

O MS. Douce 6 é o segundo volume de um saltério portátil proveniente de Ghent, atual Bélgica, realizado entre os anos 1320-1330 no Mosteiro Beneditino de São

¹⁰ CARRUTHERS, Mary J. – *The book of memory: a study of memory in medieval culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 134.

¹¹ CAMILLE, Michael – *Image on the Edge*, pp. 148-149.

Pedro de Ghent. Encontra-se atualmente na Bodleian Library em Oxford, Inglaterra¹².

No fólio 83v encontramos, na sua parte inferior, a representação de uma mulher a caçar um homem adormecido com uma armadilha para pássaros chamada *parete* (“parede” em italiano). (Figura 1) Esta representação de uma armadilha como eufemismo erótico tem as suas raízes no tratado *De Amore* de Andreas Capellanus (ativo c. 1185), segundo o qual a palavra *amor* vem do verbo latino *amo*, que significa apanhar, capturar ou ser capturado¹³.

O facto de se tratar de uma armadilha especificamente para pássaros é importante: o pássaro na época medieval tinha vários significados, sendo os mais explícitos o amoroso¹⁴ e o fálico¹⁵. Ou seja, poder-se-á interpretar que a mulher representada se encontra no ato de captura de uma pessoa amada com intuito sexual. Adicionalmente, a mulher é apresentada enquanto figura ativa e o homem como figura passiva, algo inesperado no período histórico em estudo.

Esta iluminura encontra-se em baixo do salmo 112:9-10:

“Reparte do que é teu com os pobres; a tua generosidade subsistirá para sempre e o teu poder crescerá em glória. / Ao ver isto, o ímpio enfurece-se, range os dentes e desfalece; os desejos dos ímpios fracassam”¹⁶.

¹²O registo de catálogo destes manuscritos e sua digitalização encontram-se acessíveis online: https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_4476. Sobre este manuscrito, veja-se CAMILLE, Michael – *Image on the edge*; MEUWESE, M. L. – “Jacob van Maerlant’s Spiegel Historiae: iconography and workshop”. In SMEYERS, M.; CARDON, B. (ed.) – *Flanders in a European perspective: manuscript illumination around 1400 in Flanders and abroad. Proceedings of the International Colloquium, Leuven, 7–10 September 1993*. Leuven: Peeters, 1995, pp. 445–456, em especial pp. 450, 456; RANDALL, L. M. C., et al. – *Medieval and Renaissance manuscripts in the Walters Art Gallery*. Vol. 3: *Belgium, 1250–1530, 2 parts*. Baltimore; Londres: Johns Hopkins University Press - Walters Art Gallery, 1997, ns. 223–225; SANDLER, L. F. – “The study of marginal imagery: past, present, and future”. *Studies in Iconography* 18 (1997), pp. 1-49; MCLLWAIN NISHIMURA, M. – *Important illuminated manuscripts*. Akron; Paris: B. Ferrini; Enluminures, 2000; *Medieval mastery: book illumination from Charlemagne to Charles the Bold, 800–1475*. Turnhout: Brepols, 2002, p. 235; PINSON, Y. – “Devil and God, filth and purity in Pucelle’s Hours of Jeanne d’Evreux (ca. 1325– 1328)”. In DEKEYZER, B.; STOCK, J. Van der (ed.) – *Manuscripts in transition: recycling manuscripts, texts and images. Proceedings of the international congress [sic] held in Brussels. 5-9 novembro de 2022*. Paris: Peeters, 2005, pp. 159–71, pp. 161–2, 169 n. 17, 172 n. 72.

¹³ CAMILLE, Michael – *The Medieval Art of Love*, p. 12.

¹⁴ CAMILLE, Michael – *The Medieval Art of Love*, p. 11.

¹⁵ RUGGIERO, Guido – “Introduction: hunting for birds in the Italian Renaissance”. In GRIECO, Sara F. Matthews (ed.) – *Erotic Cultures of Renaissance Italy*. Nova Iorque: Ashgate Publishing, 2010, p. 14.

¹⁶ Utilizamos a versão constante em *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica, 2018.

Se considerarmos então a iluminura tendo este salmo em mente, poder-se-á entender o homem adormecido como uma alusão ao ímpio que desfaleceu e fracassou. A “ordem natural” do mundo cristão inverteu-se e o homem infiel deixou-se capturar como se de uma criatura selvagem se tratasse¹⁷. Esta imagem de caça é reforçada pela presença de um nobre com um falcão na mão, com total controlo sobre as criaturas da terra.

4.2. Add MS 36684 (Livro de Horas de Saint-Omer)

Add MS 36684 é a “primeira parte” de um livro de horas produzido entre os anos 1318-1325, em Saint-Omer ou Théroutanne, França, possivelmente encomendado para uma senhora da nobreza pelo seu marido ou por ela própria. Atualmente, este manuscrito encontra-se na British Library em Londres, Inglaterra¹⁸.

Crê-se que este manuscrito em particular tenha sido realizado como objeto de proteção durante a gravidez, dado que a sua mecenas aparece várias vezes representada como grávida e contém ainda um poema a pedir proteção a Santa Margarida, padroeira das mulheres gestantes¹⁹.

No fólio 44v encontramos um cão e um coelho a jogarem um jogo de tabuleiro (possivelmente *moinho*) enquanto, do seu lado esquerdo, se encontra um arco com uma seta apontada na sua direção. (Figura 2) O cão e o coelho, segundo os eufemismos do amor cortês e da caça, representam as genitálias (e géneros)

¹⁷ CAMILLE – *Image on the Edge*, p. 26.

¹⁸ Este manuscrito, bem como os seguintes apresentados neste artigo, que se conservam na British Library, encontram-se indisponíveis online desde outubro de 2023 devido a um ciberataque nos servidores da instituição. Para mais informações sobre este evento ver <https://www.bl.uk/about/cyber-attack>. A sua “segunda parte” é o manuscrito MS M.754, presente na Morgan Library em Nova Iorque, EUA, acessível através do endereço <https://corsair.themorgan.org/vwebv/holdingsInfo?bibId=128495>. Sobre este manuscrito, veja-se CAMILLE, Michael – *Image on the edge*; CAMILLE, Michael – “Play, Piety and Perversity in Medieval Marginal Manuscript Illumination”. In KRÖLL, Katrin; STEGER, Hugo (ed.) – *Mein ganzer Körper ist Gesicht: Grotteske Darstellungen in der europäischen Kunst und Literatur des Mittelalters*. Freiburg: Rombach Verlag, 1994, pp. 171-192; GERSON, Paula – “Margins for Eros”. In *Romance Languages Annual*. Vol. V. West: Purdue University, 1993, pp. 47-53. GERSON, Paula – “Margins for Eros”. In *Romance Languages Annual*. Vol. V. West: Purdue University, 1993, pp. 47-53.; MARROW, James H. – “Art and Experience in Dutch Manuscript Illumination around 1400: Transcending the Boundaries”. *Journal of the Walters Art Gallery* LIV (1996), pp. 101-117; WIECK, Roger S. – *Painted Prayers: The Book of Hours in Medieval and Renaissance Art*. Nova Iorque: George Braziller, 1997, p. 82; BENNETT, Adelaide – “Making Literate Lay Women Visible: Text and Image in French and Flemish Books of Hours, 1220-1320”. In GERTSMAN, Elina; STEVENSON, Jill (ed.) – *Thresholds of Medieval Visual Culture: Liminal Spaces*. Woodbridge: Boydell Press, 2012, pp. 125-58.

¹⁹ CAMILLE, Michael – *Image on the Edge*, p. 53.

masculinas e femininas, o caçador e a presa, respetivamente. Contudo, em vez da perseguição violenta que se esperaria entre estes dois animais, encontramos-os a defrontarem-se num jogo de tabuleiro. Tal como o mais famoso xadrez, o moinho era um jogo de estratégia que simulava a tensão amigável e erótica entre duas pessoas seduzindo-se uma à outra, ou representando o lado mais racional dos jogos de amor. Apesar deste cenário jocoso, o perigo real da morte está sempre lado a lado com o erotismo, através da seta direcionada aos dois amantes animais.



Figura 2 – Londres, British Library, Add MS36684, *Livre de Horas de Saint-Omer*, 1318-1325, pergaminho, fol. 44v. ©The British Library

Após a leitura dos salmos que os acompanham, poder-se-á depreender que não há motivos de preocupação:

“Levanto os olhos para os montes: de onde me virá o auxílio? / O meu auxílio vem do Senhor que fez o céu e a terra. / Ele não deixará que vacilem os teus pés; aquele que te guarda não dormirá. / Pois não há de dormir nem dormirar, aquele que guarda Israel. / O Senhor é quem te guarda e está a teu lado. Ele é a tua proteção. / O Sol não te fará mal durante o dia (...).”²⁰

Tendo em conta que a iluminura é acompanhada por um cântico de confiança em Deus (Salmo 121), talvez se possa tratar de uma representação em estes animais (que simbolizam indivíduos), afinal, não se encontram em perigo iminente. Talvez também se possa inferir que seja uma referência ao último verso do Salmo 120, estando os animais a seduzir-se pacificamente, através de um jogo amigável, em vez

²⁰ Sl 121:1-6.

da guerra, da caça e da violência. Se relacionarmos estas interpretações com a suposta intenção para a criação deste manuscrito, poderemos estar perante uma representação da gravidez, que resulta da união sexual entre homens e mulheres, aqui simbolicamente representados enquanto animais, e do perigo a ela inerente, mas que, através da sua representação juntamente com os salmos, garante a proteção tanto das figuras ilustradas como da senhora nobre para a qual o livro de horas foi originalmente produzido.

4.3. Add MS 42130 (Saltério de Luttrell)

Um dos manuscritos mais estudados da historiografia medieval, o Add MS 42130 (mais conhecido como Saltério de Luttrell), foi produzido em Inglaterra entre os anos 1325-1340 a pedido de Sir Geoffrey Luttrell III (1276-1345), provavelmente com o propósito de se preparar para a sua eventual morte. Encontra-se hoje na British Library em Londres, Inglaterra²¹.



Figura 3 – Londres, British Library, Add MS 42130, *Saltério de Luttrell*, 1325-1340, pergaminho, fol. 76v. ©The British Library

²¹ Tal como o Add MS 36684, o Add MS 42130 não possui o seu registo de catálogo e digitalização disponibilizados online. Sobre este manuscrito, veja-se BROWN, Michelle P. – *The World of the Luttrell Psalter*. Londres: The British Library, 2006; CAMILLE, Michael – *Mirror in parchment: the Luttrell Psalter and the making of medieval England*. Chicago: University of Chicago Press, 1998; SANDLER, Lucy Freeman – “The Word in the Text and the Image in the Margin: The Case of the Luttrell Psalter”. *Journal of the Walters Art Gallery* 54 (1996), p. 98 n. 7.

No fólio 76v encontramos um casal nobre a jogar um jogo de gamão num espaço verde e quadrado. (Figura 3) O espaço onde se representa a cena aparenta ser uma representação um pouco abstrata de um jardim, com os seus quadrados preenchidos com linhas verdes que parecem representar relva e com flores e insetos em volta do casal. A representação de jardins reflete um desejo mais simples de retorno à vida dos seus antepassados, enquanto se refinavam os modos de estar e viver de modo a controlar os sentidos mais primários, pelo que o jardim era o *locus amoenus* de predileção das artes poéticas e visuais do medievo²².

Esta representação claramente erótica acompanha o salmo 39:6-9:

“(...) diante de ti a minha existência é como nada; o homem não é mais do que um sopro! (Realmente tudo é vaidade: todo o homem vivente.) / Ele passa como simples sombra! É em vão que se agita: amontoa riquezas e não sabe para quem ficam. / Agora, Senhor, que posso eu esperar? A minha esperança está em ti. / Livra-me de todas as minhas faltas (...)”²³.

Este salmo, juntamente com a iluminura, age, então, como um *memento mori*, relembrando que os prazeres mundanos são passageiros e indicando ao leitor para direcionar a sua atenção ao que seria de maior importância: Deus, o único capaz de oferecer aos fiéis o verdadeiro prazer da vida eterna. Os prazeres dos amantes, tal como o jardim e as suas flores, são fictícios e efémeros perante a realidade da salvação divina. Enquanto o casal se encontrar no jardim estará a salvo, mas, do outro lado do muro, a sua única salvação é a Palavra do Senhor.

4.4. Add MS 49622 (Saltério de Gorleston)

O Saltério de Gorleston, atualmente na British Library, em Londres, Inglaterra²⁴, foi um manuscrito produzido entre os anos 1310-1324 para um encomendante desconhecido, mas que talvez tenha tido alguma relação com o priorado da Catedral

²² CAMILLE – *The Medieval Art of Love*, pp. 73-74.

²³ SI 39:6-9.

²⁴ Tal como os manuscritos anteriores, o seu registo de catálogo e sua digitalização não se encontram disponíveis online. Sobre este manuscrito, veja-se MARGOT, McIlwain Nishimura – *The Gorleston Psalter: A study of the marginal in the visual culture of fourteenth-century England*. Nova Iorque: New York University, Institute of Fine Arts, 1999; MARKS, R. e MORGAN, N.J. – *The Golden Age of English Manuscript Painting, 1200-1500*. Nova Iorque: George Braziller, 1981; SANDLER, Lucy Freeman – *Gothic Manuscripts 1285-1385*. Londres: Harvey Miller, 1986.

de St. Andrews em Gorleston, Inglaterra, onde foi originalmente encontrado. A peculiaridade deste saltério vem do facto de conter várias iluminuras de semelhante temática ou representação, o que parece indicar que houve um plano estruturado, pelo encomendante ou pelo artista, antes da elaboração do manuscrito. Através desta estrutura propositada, poderá também ser levantada a hipótese de que este saltério foi produzido por um monge especificamente para utilização por parte da comunidade monástica de St. Andrews.

Encontramos na parte inferior do folio 95r um monge dominicano a despejar as moedas da sua carteira em frente a uma mulher, que se deve tratar de uma prostituta devido à sua representação com cabelo solto e vestido vermelho. (Figura 4) O simples facto de a ilustração representar um religioso (frade dominicano) a tentar obter serviços sexuais, em claro conflito com os seus votos de celibato, confere à imagem um forte simbolismo erótico e jocoso. Este efeito simbólico intensifica-se quando se têm em conta as alusões presentes em representações de carteiras.



Figura 4 – Londres, British Library, Add MS 49622, *Saltério de Gorleston*, 1310-1324, pergaminho, fol.95r. ©The British Library

A carteira era um objeto usado um pouco por toda a gente no período medieval, sempre associada ao cinto, dado que o vestuário medieval não possuía bolsos²⁵. Devido à sua posição na zona abaixo da cintura, na zona dos impulsos carniais, a carteira era associada às genitálias masculinas e femininas: masculina devido ao seu

²⁵ CAMILLE, Michael – *The Medieval Art of Love*, p. 63.

aspetto semelhante a testículos, feminina devido ao seu aspecto semelhante à pudenda e à sua capacidade de abrir e fechar²⁶. Assim sendo, o monge com a sua carteira aberta a deixar cair dinheiro pode estar a aludir ao facto de querer abrir a vagina da prostituta, ter relações sexuais com ela, ou pode estar a aludir a si mesmo, aos seus testículos, estando então a ejacular em frente da mulher, o que pode explicar a reação reticente desta perante o monge.

Esta imagem acompanha o seguinte texto em latim galaico:

“Lembra-te do teu povo, que adquiriste noutros tempos, como tribo que te pertence e resgataste do monte Sião, onde tens a tua morada. / Dirige os teus passos para estas ruínas sem fim; o inimigo tudo destruiu no santuário! / Os teus adversários rugiram no lugar das tuas assembleias, hastearam nelas, como trofeus, as suas bandeiras. / Pareciam lenhadores a brandir o machado numa floresta espessa. / Destruíram os seus madeiramentos a golpes de malhos e martelos. / Deitaram fogo ao teu santuário, profanaram e arrasaram a morada do teu nome”²⁷.

Após a leitura deste salmo, a imagem adquire uma interpretação mais clara: tal como os inimigos dos israelitas destruíram e poluíram o templo de Sião, este religioso, ao pagar por atos sexuais a uma prostituta (com ou sem ejaculação da sua parte) está a profanar a Igreja Cristã, servindo de aviso moral para o leitor não seguir o exemplo deste monge dominicano que não consegue controlar os seus impulsos inferiores.

4.5. Stowe MS 17 (Livro de Horas de Maastricht)

Este manuscrito é um livro de horas realizado em Liège, atual Bélgica, entre 1300-1325, possivelmente para uma senhora nobre, encontrando-se atualmente em Londres, na British Library²⁸. Esta pequena obra é a que talvez contém mais

²⁶ CAMILLE, Michael – *The Medieval Art of Love*. p. 64.

²⁷ SI 74:2-7.

²⁸ Tal como os manuscritos anteriores, o seu registo de catálogo e sua digitalização não se encontram disponíveis online. Sobre este manuscrito, veja-se BARROW, Robyn – “Stowe MS 17: Text, Image, and the Ramifications of Female Viewership in a Gothic Illuminated Book of Hours”. *Immediations* [Em Linha] 4:2 (2017) [Consultado a 9 junho 2023]. Disponível em <https://courtauld.ac.uk/research/research-resources/publications/immediations-postgraduate-journal/immediations-online/2017-2/robyn-barrow-stowe-ms-17-text-image-and-the-ramifications-of-female-viewership-in-a-gothic-illuminated-book-of-hours/>; WIECK, Roger S. – *Painted Prayers: The Book of Hours in Medieval and Renaissance Art*. Nova Iorque: George Braziller,

representações amorosas e eróticas, a maioria das quais de caráter cortesão, que falaria à imaginação da sua proprietária original. Algumas destas ilustrações, inclusive, não são como as habituais iluminuras marginais, fazendo parte da decoração em volta do texto, mas autênticas ilustrações de “grande” formato. Tal como o Livro de Horas de Saint Omer, não é possível indicar ao certo quem é que encomendou este livro de horas, se a própria senhora nobre encomendou o livro para si mesma, para seu proveito religioso e erótico, ou se foi uma oferta por parte do seu marido (um dote de casamento?) com intenção de a incentivar a ter relações sexuais, se foi ele próprio a requisitar a inclusão destes símbolos eróticos e alusões sexuais de modo a estimular a sua mulher a “cumprir o seu dever” de procriação após o casamento²⁹.



Figura 5 -Londres, British Library, Stowe MS 17, Livro de Horas de Maastricht, 1300-1325, pergaminho, fol.106r. ©The British Library

No fólio 106r voltamos a encontrar uma representação tipicamente cortesã, com um casal nobre a andar lado a lado a cavalo. (Figura 5) O homem abraça a mulher pelo seu ombro, não a obstruindo, enquanto ela segura um pequeno cão no seu colo. Igualmente, do lado direito do par, encontramos um macaco preso por uma coleira e corrente a uma árvore. Desta iluminura podemos ter a seguinte leitura: o homem

1997; BELL, Susan Groag – “Medieval Women Book Owners: Arbiters of Lay Piety and Ambassadors of Culture”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 7:4 (1982), pp. 742–768.

²⁹ CAMILLE, Michael – “‘For Our Devotion and Pleasure’: The sexual objects of Jean, Duke of Berry”. *Art History* 2:24 (2001), p. 182.

aproxima-se da mulher, abraçando-a, iniciando o contacto amoroso; este avanço é, por sua vez, negado ou controlado pela mulher, patente na sua representação com o cão de colo (eufemismo para a genitália masculina) e pelo macaco, símbolo dos impulsos animais, ambos presos por uma trela, o que vai em linha com os pensamentos medievais sobre os deveres da mulher perante os avanços masculinos³⁰.

Este casal ilustra o seguinte salmo:

“Sou teu servo: dá-me entendimento para eu conhecer os teus preceitos. / É tempo de agires, Senhor; eles desprezaram a tua lei. / Por isso amo os teus mandamentos, muito mais que o ouro fino. / Por isso sigo os teus preceitos e tenho horror aos caminhos da mentira”³¹.

O leitor deste livro de horas, ao ler a exortação do salmo e ao visualizar a iluminura, encontraria um modelo de como viver e experienciar as relações amorosas segundo a teologia cristã. Seguindo os preceitos e mandamentos do Senhor quanto à convivência conjugal, controlando os seus desejos carnis aqui representados no cão de colo e no macaco preso à árvore, o casal poderá viver uma vida livre de pecado.

5. Considerações Finais

Na época em estudo, o erotismo enquanto conceito revela-se paradoxal, podendo ser interpretado de formas extremas: por um lado, como uma expressão da liberdade sexual de modo racional e até espiritual; por outro, como uma tentativa de sofisticar aquilo que é essencialmente instinto de procriação, presente em todos os animais, ou simples estímulo e satisfação sexual. Ao contrário da concepção geralmente aceite de que o erotismo no período medieval era constantemente repreendido, em particular pela Igreja, os medievais não diferiam assim tanto de nós: possuíam desejos amorosos e sexuais, expressando essas emoções nos seus modos de vida e na iconografia presente em objetos e obras de arte, como se evidencia, por exemplo, nas *Cantigas de Escárnio e Maldizer*.

³⁰ CAMILLE, Michael – *The Medieval Art of Love*, p. 96.

³¹ Sl 119:125-128.

Contudo, nos códices iluminados, a expressão do erotismo manifestava-se de forma diferente: em vez de representações explícitas, quase pornográficas aos olhos contemporâneos, recorria-se, de acordo com a percepção simbólica do mundo própria da época medieval, a referências e símbolos para comunicar o conteúdo erótico.

A maioria dos manuscritos apresentados demonstram evidências de planeamento prévio à elaboração manuscrita, sendo possível observar claras ligações entre iluminura e texto, quer através de referências diretas ao texto, quer tendo em conta o conteúdo geral (tanto escrito como visual) do manuscrito. Nos exemplos aqui abordados, essa ligação consiste principalmente em alusões aos perigos e obstáculos carnis que um bom cristão deve ultrapassar ou à hierarquia familiar ideal a seguir segundo a teologia cristã, de modo ao crente atingir a salvação tanto em vida como após a sua morte. Isto indica que antes da produção dos manuscritos o seu conteúdo já estava estipulado, não só o texto e as iluminuras em si, mas também as suas referências e ligações entre um e outro.

O presente estudo, de carácter exploratório, baseou-se na análise realizada pela autora, que se concentrou em iluminuras de manuscritos produzidos numa área geográfica e período temporal relativamente restritos. Investigações futuras poderão abranger manuscritos oriundos de outras regiões da Europa Ocidental e de diferentes momentos da Idade Média, permitindo recolher novos dados sobre a presença, diversidade e formas de representação de iluminuras de carácter erótico. Um alargamento espaço-temporal deste tipo poderá ainda contribuir para avaliar até que ponto a interpretação iconográfica aqui apresentada constitui uma linguagem visual que se manteve ou evoluiu ao longo do tempo.

Após esta investigação, poderemos concluir o seguinte com alguma certeza: é impossível a conceção de erotismo na época medieval sem ter presente a noção de morte, quer esta seja espiritual (tomada numa vertente positiva enquanto desaparecimento do ego face à pessoa amada superior ao amante, ou numa vertente negativa enquanto condenação da alma), quer literal, com a morte física do corpo. Para isso apontam as interpretações que se podem obter através da análise dos textos que acompanham as iluminuras, bem como a sua localização no manuscrito em si, tendo em conta que muitos se encontram no *Officio dos Mortos*. Tal modo de

encarar o erotismo, contudo, poderá constituir somente uma espécie de idealização de como se deveria amar, dado que não se pode assumir uma tradução literal destas iluminuras para o modo como, de facto, os indivíduos (nesta investigação em particular, indivíduos pertencentes a altas ordens sociais) se amavam nesta época.

Em conclusão, a presença intencional de iluminuras eróticas em manuscritos de cariz religioso – saltérios e livros de horas – sugere que a separação rígida entre o sagrado e o profano não corresponde à realidade medieval. Apesar das restrições impostas pela Igreja e pelos códigos morais e religiosos sobre a expressão do amor, os indivíduos da época — homens e mulheres — experienciaram sentimentos amorosos e desejos carnis, que encontraram representação nas suas obras. Assim, a Idade Média não suprimiu estas emoções e tensões naturais, mas incorporou-as na produção artística, deixando um registo que permite compreender melhor a vivência e a mentalidade medievais.

Referências bibliográficas

Fontes

Fontes manuscritas

Londres, The British Library, *Add MS 36684*.

Londres, The British Library, *Add MS 42130*.

Londres, The British Library, *Add MS 49622*.

Londres, The British Library, *Stowe MS 17*.

Oxford, Bodleian Library, *MS Douce 6*.

Fontes impressas

AQUINO, São Tomás – *Summa Theologica*. Londres: Catholic Way Publishing, 2014.

Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora Bíblica, 2018.

Estudos

BARROW, Robyn – “Stowe MS 17: Text, Image, and the Ramifications of Female Viewership in a Gothic Illuminated Book of Hours”. *Immediations* [Em Linha] 4:2 (2017) [Consultado a 9 junho 2023]. Disponível em <https://courtauld.ac.uk/research/research-resources/publications/immediations-postgraduate-journal/immediations-online/2017-2/robyn-barrow-stowe-ms-17-text-image-and-the-ramifications-of-female-viewership-in-a-gothic-illuminated-book-of-hours/>.

BATAILLE, Georges – *Erotism: Death and Sensuality*. São Francisco: First City Lights Books, 1986.

BELL, Susan Groag – “Medieval Women Book Owners: Arbiters of Lay Piety and Ambassadors of Culture”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 7:4 (1982), pp. 742–768.

BENNETT, Adelaide – “Making Literate Lay Women Visible: Text and Image in French and Flemish Books of Hours, 1220-1320”. In GERTSMAN, Elina; STEVENSON, Jill (eds.) – *Thresholds of Medieval Visual Culture: Liminal Spaces*. Woodbridge: Boydell Press, 2012, pp. 125-158.

BROWN, Michelle P. – *The World of the Luttrell Psalter*. Londres: The British Library, 2006.

CAMILLE, Michael – *Image on the Edge: The Margins of Medieval Art*. Londres: Reaktion Books Limited, 1992.

CAMILLE, Michael – “Play, Piety and Perversity in Medieval Marginal Manuscript Illumination”. In KRÖLL, Katrin; STEGER, Hugo (ed.) – *Mein ganzer Körper ist Gesicht: Grotteske Darstellungen in der europäischen Kunst und Literatur des Mittelalters*. Freiburg: Rombach Verlag, 1994, pp. 171-192.

CAMILLE, Michael – *The Medieval Art of Love*. Londres: Laurence King Publishing, 1998.

CAMILLE, Michael – *Mirror in parchment: the Luttrell Psalter and the making of medieval England*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

CAMILLE, Michael – “‘For Our Devotion and Pleasure’: The sexual objects of Jean, Duke of Berry”. *Art History* 2:24 (2001), pp. 169-194.

CARRUTHERS, Mary J. – *The book of memory: a study of memory in medieval culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

DE LA CROIX, Arnaud – *O Erotismo na Idade Média: o corpo, o desejo, o amor*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 2004.

GERSON, Paula – “Margins for Eros”. In *Romance Languages Annual*. Vol. V. West: Purdue University, 1993, pp. 47-53.

GRIECO, Sara F. Matthews (ed.) – *Erotic Cultures of Renaissance Italy*. Nova Iorque: Ashgate Publishing, 2010.

MARGOT, McIlwain Nishimura – *The Gorleston Psalter: A study of the marginal in the visual culture of fourteenth-century England*. Nova Iorque: New York University, Institute of Fine Arts, 1999.

MARKS, R.; MORGAN, N.J. – *The Golden Age of English Manuscript Painting, 1200-1500*. Nova Iorque: George Braziller, 1981.

MARROW, James H. – “Art and Experience in Dutch Manuscript Illumination around 1400: Transcending the Boundaries”. *Journal of the Walters Art Gallery* 54 (1996), pp. 101-117.

MCLLWAIN NISHIMURA, M. – *Important illuminated manuscripts*. Akron; Paris: Ferrini; Enluminures, 2000.

Medieval mastery: book illumination from Charlemagne to Charles the Bold, 800–1475. Turnhout: Brepols, 2002.

MEUWESE, M. L. – “Jacob van Maerlant’s Spiegel Historiae: iconography and workshop”. In SMEYERS, M.; CARDON, B. (ed.) – *Flanders in a European perspective: manuscript illumination around 1400 in Flanders and abroad. Proceedings of the International Colloquium, Leuven, 7–10 September 1993*. Leuven: Peeters, 1995, pp. 445–456.

NUSSBAUM, Martha – “The Speech of Alcibiades”. In SOLOMON, Robert C.; HIGGINS, Kathleen M. (ed.) – *The Philosophy of (Erotic) Love*. Kansas: University of Kansas Press, 1991, pp. 279-316.

PINSON, Y. – “Devil and God, filth and purity in Pucelle’s Hours of Jeanne d’Evreux (ca. 1325– 1328)”. In DEKEYZER, B.; STOCK, J. Van der (ed.) – *Manuscripts in transition: recycling manuscripts, texts and images. Proceedings of the international congress [sic] held in Brussels. 5-9 novembro de 2022*. Paris: Peeters, 2005, pp. 159–171.

RANDALL, L. M. C., et al. – *Medieval and Renaissance manuscripts in the Walters Art Gallery*. Vol. 3: *Belgium, 1250–1530, 2 parts*. Baltimore; Londres: Johns Hopkins University Press in association with the Walters Art Gallery, 1997.

RUGGIERO, Guido – “Introduction: hunting for birds in the Italian Renaissance”. In GRIECO, Sara F. Matthews (ed.) – *Erotic Cultures of Renaissance Italy*. Nova Iorque: Ashgate Publishing, 2010, pp. 1-16.

SANDLER, Lucy Freeman – *Gothic Manuscripts 1285-1385*. Londres: Harvey Miller, 1986.

SANDLER, Lucy Freeman – “The Word in the Text and the Image in the Margin: The Case of the Luttrell Psalter”. *Journal of the Walters Art Gallery* 54, 98:7 (1996), pp. 87-99.

SANDLER, Lucy Freeman – “The study of marginal imagery: past, present, and future”. *Studies in Iconography* 18 (1997), pp. 1-49.

WIECK, Roger S. – *Painted Prayers: The Book of Hours in Medieval and Renaissance Art*. Nova Iorque: George Braziller, 1997.

WIECK, Roger S. – *Time Sanctified: The Book of Hours in Medieval Art and Life*. Nova Iorque/Baltimore: George Braziller, Inc. in association with The Walters Art Museum, 2001.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

MESTRE, Ana Beatriz Fernandes – “Sagrado Profano: Imagens eróticas em manuscritos medievais de cariz religioso”. *Medievalista* 39 (Janeiro – Junho 2026), pp. 265-284. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).